

CRÔNICAS

NÃO TE DEIXES VENCER PELO MAL, VENCE ANTES O MAL COM O BEM

Prof. Dr. Pe. Manoel Santos dos Santos
PUCRS

Para a celebração do dia mundial da paz, 1º de janeiro de 2005, o Papa João Paulo II enviou a mensagem “Não te deixes vencer pelo mal, vence antes o mal com o bem” (*Rm* 12, 21), dirigindo-se aos responsáveis das nações e a todos os homens de boa vontade, que sentem como é necessário construir a paz no mundo. Primeiro analisa a questão do bem e do mal no mundo e, depois, as situações pelas quais passa o mundo com concretas sugestões para a paz.

O mal não se derrota com o mal. A paz é o resultado de uma longa e árdua batalha, vencida quando o mal é derrotado com o bem. À vista dos dramáticos cenários de violentos combates fratricidas que têm lugar em várias partes do mundo, diante dos indescritíveis sofrimentos e injustiças que deles derivam, a única opção realmente construtiva é detestar o mal e aderir ao bem. A paz é um bem que deve ser conservado e cultivado mediante opções e obras de bem. O único modo de sair do círculo vicioso do mal é não se deixar vencer pelo mal, vencendo-o com o bem.

O mal não é uma força anônima que age no mundo devido a mecanismos deterministas e impessoais. O mal passa atra-

vés da liberdade humana. No centro do drama do mal e constantemente relacionado com ele está precisamente essa faculdade que distingue o homem dos demais seres vivos sobre a terra. O mal tem sempre um rosto e um nome: o rosto e o nome de homens e mulheres que o escolhem livremente. Cada escolha do mal, ao longo dos séculos, traz em si umas conotações morais, que implicam concreta responsabilidade nas relações fundamentais da pessoa com Deus, com as outras pessoas e com a criação. O mal é, em última análise, um trágico esquivar-se às exigências do amor. O bem moral, pelo contrário, nasce do amor, manifesta-se como amor e é orientado ao amor. Esse argumento é particularmente evidente para o cristão, pois sabe que a participação no único Corpo místico de Cristo coloca-o em particular relação, não somente com o Senhor, mas também com os irmãos. A lógica do amor cristão, que no Evangelho constitui o coração palpitante do bem moral, conduz, se levada às últimas conseqüências, até ao amor pelos inimigos.

Na situação atual do mundo, não se pode deixar de constatar uma impressionante difusão de numerosas manifestações sociais e políticas do mal: desde a desordem social à anarquia e à guerra, da injustiça à violência contra o outro e à sua supressão. A humanidade tem urgente necessidade de valer-se do patrimônio comum de valores morais que Deus lhe deu. Por isso, há que cultivar atitudes nobres e desinteressadas de generosidade e de paz.

Para o empenho comum ao serviço da paz, insiste na referência à “gramática da lei moral universal”. Inspirando valores e princípios comuns, essa lei une os homens entre si, apesar da diversidade das suas culturas, e é imutável. Comum a todos, exige comprometer-se sempre e com responsabilidade, para que a vida das pessoas e dos povos seja respeitada e promovida. À sua luz não podem deixar de ser estigmatizados vigorosamente os males de caráter social e político que afligem o mundo, sobretudo provocados pela eclosão da violência. Para conseguir o bem da paz,

é necessário afirmar que a violência é um mal inaceitável e que nunca resolve os problemas. A violência é uma mentira, porque se opõe à verdade da humanidade. A violência destrói o que ambiciona defender: a dignidade, a vida e a liberdade dos seres humanos. Por isso torna-se indispensável promover uma grande obra educadora das consciências que forme a todos, sobretudo as novas gerações, para o bem, abrindo-lhes o horizonte do humanismo integral e solidário. Sobre essas bases, é possível criar uma ordem social, econômica e política que tenha em conta a dignidade, a liberdade e os direitos fundamentais de cada pessoa.

Para promover a paz, vencendo o mal com o bem, ocorre dedicar particular atenção ao bem comum e suas vertentes sociais e políticas. Quando em todos os níveis se cultiva o bem comum, cultiva-se a paz. Todos, de alguma forma, estão implicados no compromisso pelo bem comum, na busca constante do bem dos outros como se fosse o próprio. Tal responsabilidade compete de modo particular à autoridade política, em qualquer nível da sua atuação, pois é chamada a criar aquele conjunto de condições sociais que consentem e favorecem, nos seres humanos, o desenvolvimento integral da sua personalidade. Contudo, visões decididamente redutoras da realidade humana transformam o bem comum em simples bem-estar socioeconômico, privado de qualquer finalização transcendente, e esvaziam-no da sua mais profunda razão de ser. Mas o bem comum possui também uma dimensão transcendente, porque Deus é o fim último das suas criaturas.

Quanto às questões atuais, João Paulo II aborda especialmente: a) que o bem da paz deve ser visto hoje em estreita relação com os novos bens que provêm do conhecimento científico e do progresso tecnológico; por aplicação do princípio do destino universal dos bens, devem colocar-se ao serviço das necessidades primárias do homem; b) que o bem da paz será mais bem garantido, se a comunidade internacional assumir, com maior sentido de responsabilidade, aqueles bens de que gozam automati-

camente todos os cidadãos; c) que o princípio do destino universal dos bens permite enfrentar adequadamente o desafio da pobreza, tendo em conta, sobretudo, as condições de miséria em que vive ainda um bilhão de seres humanos; o drama da pobreza está estreitamente ligado também com a questão da dívida externa dos países pobres; d) pede novas formas de solidariedade, com um empenho mais decidido de todos, plenamente cientes de que o bem dos povos africanos representa uma condição indispensável para alcançar o bem comum universal.

Diante de tantos dramas que afligem o mundo, os cristãos confessam que só Deus torna possível ao homem e aos povos a superação do mal para alcançar o bem. Apoiado na certeza de que o mal não prevalecerá, o cristão cultiva uma indômita esperança, que o sustenta na promoção da justiça e da paz. Apesar dos pecados pessoais e sociais, que se verificam no agir humano, a esperança dá um impulso sempre renovado ao compromisso pela justiça e pela paz, juntamente com uma firme confiança na possibilidade de construir um mundo melhor. Nenhum homem, nenhuma mulher de boa vontade pode esquivar-se ao compromisso de lutar para vencer o mal com o bem. É uma batalha que se combate validamente só com as armas do amor. A lei fundamental da perfeição humana e, portanto, da transformação do mundo, é o novo mandamento do amor. Isto é certo também no âmbito social e político. Os cristãos sejam testemunhas convictas desta verdade; saibam mostrar com a sua vida que o amor é a única força capaz de levar à perfeição pessoal e social, o único dinamismo que pode fazer evoluir a história para o bem e a paz.